

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CERRO LARGO
LETRAS – PORTUGUÊS E ESPANHOL – LICENCIATURA

ROSELI DOS SANTOS CARDOSO

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM CONTOS HISPANO-AMERICANOS
CONTEMPORÂNEOS: RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO

CERRO LARGO

2025

ROSELI DOS SANTOS CARDOSO

**REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM CONTOS HISPANO-AMERICANOS
CONTEMPORÂNEOS: RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Letras - Português e
Espanhol - Licenciatura da Universidade Federal
da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do
título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dra. Geni Moura da Costa

CERRO LARGO

2025

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Cardoso, Roseli dos Santos
Representação da Mulher em Contos Hispano-
Americanos: Resistência e Transformação / Roseli dos
Santos Cardoso. -- 2025.
49 f.

Orientadora: Dra Geni Moura da Costa

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Letras - Português e Espanhol, Cerro
Largo, RS, 2025.

1. Literatura hispano-americana; Teoria Feminista;
Contos contemporâneos; Transformação social. I. Costa,
Geni Moura da, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.

REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM CONTOS HISPANO-AMERICANOS CONTEMPORÂNEOS: RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Português e Espanhol - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras.

**Este trabalho de conclusão foi defendido e aprovado pela banca
em: 02/07/2025**

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
GENI VANDERLEIA MOURA DA COSTA
Data: 09/07/2025 21:27:13-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profª. Drª Geni Vanderléia Moura da Costa - UFFS
Orientadora



Documento assinado digitalmente
BEDATI APARECIDA FINOKIET
Data: 12/07/2025 17:05:39-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profª. Ms. Bedati Aparecida Finokiet - Avaliadora

Profª. Drª. Emili Coimbra de Souza - Avaliadora

SUMÁRIO

1 REFLEXÕES INICIAIS	8
2 A TEORIA FEMINISTA E A LITERATURA COMO ESPAÇO DE DENÚNCIA, EMPODERAMENTO E RECONHECIMENTO.....	11
3 VOZES FEMININAS NA LITERATURA HISPANO-AMERICANA: UMA BREVE PERSPECTIVA HISTÓRICA	14
4 ANALISANDO O PROTAGONISMO DAS MULHERES NOS CONTOS SELECIONADOS: RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO	19
5 REFLEXÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS	30
ANEXOS	32

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso analisa a representação da mulher na literatura hispano-americana contemporânea (contos), buscando compreender como autoras abordam questões de gênero, resistência e transformação social em suas obras. Utilizando a Teoria Feminista, a pesquisa investiga contos de escritoras hispanoamericanas como Cristina Peri Rossi (Uruguai), María Fernanda Ampuero (Equador) e Arelis Uribe (Chile), focando em como suas narrativas literárias refletem a luta contra sistemas de opressão e a construção de novas identidades femininas. A pesquisa, de natureza bibliográfica, descritiva, qualitativa, reflexiva e crítica, visa aprofundar o entendimento sobre o papel da literatura como agente de mudança social e empoderamento feminino. O estudo parte da observação de que, apesar dos avanços na luta pela igualdade de gênero, ainda persistem desigualdades significativas. A análise da literatura hispano-americana contemporânea revela uma transformação paradigmática na representação feminina, com autoras questionando estereótipos e desafiando estruturas narrativas tradicionais. Esta investigação busca, portanto, compreender como a literatura torna-se um espaço de dor, resistência e transformação, contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária. A escolha dos contos das referidas autoras hispano-americanas justifica-se pela capacidade de suas narrativas em expor feridas sociais e articular vozes femininas diversas e insurgentes. A pesquisa, ao adotar uma abordagem interdisciplinar, que articula feminismo e Literatura, pretende elucidar o potencial da Literatura como instrumento de empoderamento e transformação social.

Palavras-chave: Literatura hispano-americana; Teoria Feminista; Contos contemporâneos; Transformação social

RESUMEN

Este trabajo de final de curso analiza la representación de las mujeres en la literatura hispanoamericana contemporánea (cuentos), buscando comprender cómo las autoras abordan cuestiones de género, resistencia y transformación social en sus obras. A partir de la Teoría Feminista, el estudio investiga cuentos de escritoras como Cristina Peri Rossi (Uruguay), María Fernanda Ampuero (Ecuador) y Arelis Uribe (Chile), centrándose en cómo sus narrativas literarias reflejan la lucha contra los sistemas de opresión y la construcción de nuevas identidades femeninas. El trabajo, de carácter bibliográfico, descriptivo, reflexivo y crítico, busca profundizar en la comprensión del rol de la literatura como agente de cambio social y empoderamiento femenino. El estudio se basa en la observación de que, a pesar de los avances en la lucha por la igualdad de género, aún persisten importantes desigualdades. El análisis de la literatura hispanoamericana contemporánea revela una transformación paradigmática en la representación femenina, con autoras que cuestionan estereotipos y desafían las estructuras narrativas tradicionales. Por lo tanto, esta investigación busca comprender cómo la literatura se convierte en un espacio de dolor, resistencia y transformación, contribuyendo a una sociedad más justa e igualitaria. La elección de los relatos de estas autoras hispanoamericanas se justifica por la capacidad de sus narrativas para exponer heridas sociales y articular voces femeninas diversas e insurgentes. Mediante un enfoque interdisciplinario que articula el feminismo y la literatura, la investigación busca dilucidar el potencial de la literatura como instrumento de empoderamiento y transformación social.

Palabras-clave: Literatura hispanoamericana; Teoría Feminista; Cuentos contemporáneos; Transformación social.

1 REFLEXÕES INICIAIS

Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes. Você terá que manter-se vigilante durante toda a sua vida.

Simone de Beauvoir

A busca por igualdade e equidade de gênero, aliada à necessidade de transformações estruturais e culturais profundas, impulsiona uma análise crítica sobre a representação feminina na literatura hispano-americana contemporânea. Esta investigação visa compreender como as autoras abordam questões de gênero, resistência e transformação, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa.

Nasci em 1985, um ano marcado por mudanças significativas no Brasil e no mundo, especialmente no que diz respeito aos direitos das mulheres. No Brasil, esse foi o ano da criação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) e da realização da primeira Conferência Nacional da Mulher, eventos que simbolizam avanços importantes em termos de cultura, política e sociedade. Contudo, ao refletir sobre o ano de 2024, 40 anos depois, percebe-se que a luta pela equidade de gênero ainda enfrenta enormes desafios, com números alarmantes em relação à desigualdade persistente.

Desde minha infância na cidade de São Luiz Gonzaga, uma cidade de interior, no Rio Grande do Sul, percebi as desigualdades oportunidades entre homens e mulheres. Na vida adulta, compreendi a gravidade e complexidade dessas desigualdades, manifestadas em diversas formas: dificuldade de acesso à educação, discriminação no trabalho, sub-representação política, altos índices de feminicídios e escassa representatividade feminina na literatura.

A partir dessas considerações, com o aporte da Teoria Feminista, analisamos no gênero discursivo, conto, em particular, como algumas autoras hispano-americanas da atualidade expressam resistência e transformação na sua narrativa literária, abordando questões de gênero e contribuindo para a construção de novas visões sobre a identidade e a posição social da mulher na América Hispânica de hoje. Igualmente, procuramos demonstrar a importância deste estudo em seu próprio domínio, isto é, na literatura hispano-americana, enfatizando a relevância de uma abordagem interdisciplinar que articule feminismo e literatura.

No âmbito da literatura hispano-americana contemporânea, a representação feminina tem passado por uma transformação paradigmática. Escritoras atuais desempenham um papel central, questionando estereótipos, desafiando as estruturas

narrativas tradicionais e apresentando uma visão multifacetada da vida das mulheres em contextos marcados por desigualdades.

Sob a lente da Teoria Feminista, percebemos uma maneira poderosa de olhar para o mundo. Acreditamos que essa teoria nos ajude a ver as desigualdades e trabalhar para mudá-las, criando um futuro mais justo e igualitário. É sobre reconhecer que todos merecem as mesmas oportunidades e respeito, independentemente de seu gênero. Para embasamento teórico na área feminista e na literatura hispano-americana, estudiosas como: Simone de BEAUVOIR, 1970; Judith BUTLER, 2003; Catalina RUIZ-NAVARRO, 2020; Núria VARELA, 2019 e Naomi WOLF, 2018 servirão de alicerce.

Nesta investigação, optamos pela pesquisa bibliográfica, descritiva, reflexiva e crítica, tomando por base materiais já elaborados, constituídos principalmente de livros, artigos científicos e documentos disponibilizados em meio eletrônico, pertinentes à temática que abordamos.

Para esta pesquisa, faz-se imprescindível o trabalho com a análise de textos literários, neste caso, contos, que revelam a luta das mulheres contra sistemas de opressão, silenciamento e discriminação, ao mesmo tempo em que, destacam mudanças nas representações femininas e nas estruturas sociais. Com este intuito, serão utilizados três contos de escritoras hispânicas contemporâneas como *corpus* de investigação: conto “Desastres Íntimos”, do livro de mesmo nome, de Cristina Peri Rossi (Uruguai); conto “Subasta”, do livro *Pelea de Gallos*, de María Fernanda Ampuero (Equador) e o conto “Bestias”, do livro *Quiltras*, de Arelis Uribe (Chile).

Nossa escolha por autoras contemporâneas hispano-americanas justifica-se por acreditarmos na potência política e estética de suas narrativas, que expõem feridas sociais — como a violência de gênero, o silenciamento, a desigualdade estrutural e as interseccionalidades¹ — por meio de vozes literárias diversas e insurgentes. Estas autoras, guiadas pela teoria feminista, reconfiguram as vozes e reinventam as identidades femininas, nos fazendo compreender como a literatura se torna um lugar de dor, de resistência e, sobretudo, de transformação.

Esperamos, ainda, que este estudo elucide um melhor entendimento de como a literatura hispano-americana contemporânea, através de seu discurso, representa a

¹ As interseccionalidades destacam como diferentes formas de opressão se cruzam e interagem, criando experiências únicas de marginalização e exclusão.

mulher e de que modo essas representações podem ser compreendidas como formas de empoderamento, resistência e transformação.

2. A TEORIA FEMINISTA E A LITERATURA COMO ESPAÇO DE DENÚNCIAS, EMPODERAMENTO E RECONHECIMENTO

“Minha luta diária é para ser reconhecida como sujeito, impor minha existência em uma sociedade que insiste em negá-la”.

(Djamila Ribeiro)

Assim como a grande maioria das lutas de grupos sociais, não é possível dizer com assertividade quando o feminismo surgiu. Enquanto movimento, podemos identificar os momentos relevantes, bem como suas conquistas na história, porém as ideias que deram origem a ele e que sustentam suas lutas se sabe que já existiam desde antes de serem organizadas. De acordo com BEAUVOIR (2016), NOVELLINO (2019); PINTO (2010); possui seu maior desenvolvimento nos séculos XIX e XX a partir da “primeira onda feminista” a qual possui um foco maior na luta por igualdade e justiça social.

O Feminismo se desenvolve para promover mudanças expressivas com relação à igualdade de gênero, justiça, valores, comportamentos sociais, aspectos culturais, filosóficos, entre outros. Partindo da necessidade de adquirir voz de cidadania e possuindo a consciência da desigualdade unida a percepção de “poder” do masculino na escritura literária canônica, as mulheres sentiram a necessidade de desconstruir os discursos já postos, pensando, assim, em uma Teoria Crítica Feminista. Nas palavras de Simone de Beauvoir (2016), referência teórica para os estudos da crítica feminista, a literatura é um espaço fundamental para a mulher afirmar sua existência e sua liberdade. Corroborando com esta ideia, encontramos no discurso de Heloísa Buarque de Hollanda (2018) as seguintes palavras:

Os feitos das mulheres na literatura vão além da mera narrativa. Em inúmeras ocasiões, suas obras tornam-se verdadeiros agentes de mudança que desafiam os limites do conhecimento e da imaginação. Suas palavras frequentemente inspiram uma apreciação mais profunda pela arte de escrever e uma compreensão mais ampla da vida humana. “É somente através do fato de existirmos que teremos alguma chance de produzir um entendimento das mulheres ou de fato da sociedade”. (Hollanda, 2018. p.19).

É pelo viés da literatura que se revela um discurso feminino que ousa fugir dos padrões estruturais. As escritoras do Século XX passam a contribuir criticamente para a revisão do identitário atribuído às mulheres, denunciam o espaço extramuros ao qual a mulher foi ignorada e buscam reconstruir as narrativas que as marginalizam. De acordo com Cecil Zinani (2013) em seu livro *Literatura e gênero*:

A Teoria crítica feminista procura definir o sujeito-mulher, verificar as práticas culturais através das quais este sujeito se apresenta e é apresentado, bem como reconhecer as marcas de gênero que especificam o modo de ser masculino e feminino, além de sua representação na literatura. (Cecil Zinani, 2013, p. 19)

No decorrer da história, a mulher foi habitualmente representada no texto literário, configurando muitos estereótipos, como: a princesa, a bruxa, a heroína, a promíscua, a vilã, a musa, incontáveis vezes como protagonistas de enredos criados por escritores masculinos. Hoje a mulher contemporânea busca sua representação na literatura evidenciando temáticas como o patriarcado, por exemplo, e analisa como essas estruturas influenciam a produção literária, dando ênfase à marginalização de vozes femininas e trabalhando novas formas de empoderamento, resistência e transformação. Em outras palavras, trata-se de um campo dinâmico que acompanha as transformações da sociedade e da cultura contemporânea.

Efetivamente, na realidade, assim como na literatura, as condições das mulheres e seus papéis sociais são traçados e construídos partindo de pressuposições, de moralidade ética e de valores determinados previamente por uma concepção de hegemonia patriarcal. Enquanto a mulher escreve e se constitui como criadora e autora, promove a desconstrução do discurso patriarcal mediante questionamento dos valores tradicionais.

Assim, escolher autoras hispano-americanas e contemporâneas como Cristina Peri Rossi (2000), Fernanda Ampuero (2020) e Arelis Uribe (2020) para esta investigação não foi por acaso ou por escolhas aleatórias; cada uma delas carrega em suas obras a necessidade e urgência em denunciar as violências que atravessam os corpos e as experiências das mulheres na América Latina. As narrativas delas não somente expõem as tensões de gênero e os silêncios impostos pelas estruturas sociais, bem como reinventam os espaços onde essas vozes podem existir e resistir.

No próximo capítulo, relacionaremos as vozes femininas da literatura hispano-americana com a trajetória histórica da teoria feminista.

3. VOZES FEMININAS NA LITERATURA HISPANO-AMERICANA: UMA BREVE PERSPECTIVA HISTÓRICA

Yo soy como la loba. Ando sola y me río
Del rebaño. El sustento me lo gano y es mío
Donde quiera que sea, que yo tengo una mano
Que sabe trabajar y un cerebro que es sano.
La que pueda seguirme que se venga conmigo. (Alfonsina Storni)

Partindo das palavras da poeta e escritora argentina Alfonsina Storni (1916), conhecida por sua escritura feminista, pela busca de autonomia, liberdade individual, por denunciar a opressão e as restrições impostas às mulheres na sociedade de inícios do século XX, apresentamos aqui um recorrido sobre algumas vozes femininas na Literatura Hispano-Americana em um recorte temporal desde a nossa “Fênix da América”, Sor Juana Inés de la Cruz (2021), (México, Século XVII) até os dias atuais.

A luta feminina na literatura hispano-americana para construir sua própria voz é árdua e lenta, sempre foi uma tentativa de afirmar-se como voz em relação a outra voz bem mais dominante: a voz masculina. Somente no século XVII, Período Barroco Literário, vamos encontrar uma voz feminina que se sobressai em meio a tantas masculinas, seu nome: Juana Inês de Asbaje Ramírez de Santillana ou simplesmente Sor Juana Inés de la Cruz, escritora marcante em seu tempo, sendo considerada precursora do pensamento feminista nas Américas por sua luta em defesa da educação feminina e por sua crítica às desigualdades de gênero na sociedade patriarcal.

Nas palavras do escritor mexicano e crítico Octavio Paz (1998), Sor Juana:

[...] ao invés de falar sobre o outro, produziu um espaço fecundo para que esse outro pudesse se expressar, e se tornou, não apenas a primeira figura literária feminina marcante daquele período, como também contribuiu para a construção de novos sentidos para a mulher e seu existir, muito além da literatura. (PAZ, 1998, p. 69)

Ao longo dos tempos literários, muitas vozes femininas foram silenciadas, marginalizadas, relegadas a papéis secundários ou apagadas por narrativas construídas sob um olhar predominantemente masculino. No entanto, a literatura sempre foi um território fértil para resistência e transformação. Nos contos hispano-americanos essa resistência tem ganhado forma através da teoria feminista. Autoras de diferentes países da América Hispânica usam suas palavras como armas e pontes: armas contra a opressão, e pontes para novas formas de ver, sentir e compreender o

mundo. Corroborando com esta ideia, Núria Varela (2019) afirma que:

El feminismo es polifónico, el sonido de sus múltiples voces se oye, simultáneamente, en todos los rincones del mundo, en distintos tonos y registros. Una melodía con diversas letras, pero con la misma música, la de un proyecto colectivo y emancipador al que nada humano le es ajeno. (VARELA, 2019, p. 24).

Em seus contos, elas desafiam normas sociais, desconstroem estereótipos e oferecem novas perspectivas sobre identidade, corpo, poder e liberdade. Considerando o silenciamento da mulher e sua submissão, no decorrer da história, devido ao sistema tradicional vigente na sociedade ocidental sob o comando masculino, percebe-se que no século seguinte (XVIII) o panorama literário permanece com o mesmo cenário, sem a escritura feminina em suas páginas. Para Ana Cristina Santos (1999):

A escrita sempre esteve vinculada ao poder como forma de dominação. Os cânones apresentados às culturas coloniais são os que, aliados à questão do poder, sustentam-se no saber europeu e ocidental, cujos pilares são: patriarcalismo, arianismo e a moral cristã. Daí a quase total exclusão de certos grupos sociais, tais como: a mulher (incompatível com uma sociedade patriarcal), o indígena (incompatível com uma civilização acentada na escrita e não na oralidade, o homossexual (incompatível com uma moral cristã); ou de outras culturas: as latino-americanas, a africana, etc. (SANTOS, 1999, p.117)

Já no Século XIX, podemos encontrar escritoras feministas (não hispano-americanas) na vanguarda da luta por igualdade de gênero, com destaque para a esfera literária. Embora muitas delas tenham sido marginalizadas ou esquecidas ao longo do tempo, suas obras e atuações foram fundamentais para abrir caminho às mulheres no espaço público e literário. Estudiosas sobre o Feminismo como Núria Varela (2019), costumam dividir os 200 anos (Séculos XIX e XX) em quatro ondas. Autoras do feminismo como Simone de Beauvoir (2008), – uma das precursoras argumentando sobre a importância da mulher, seu papel na sociedade e inspirando muitas das ideias da primeira e segunda onda–; Bell Hooks (2020) – se expressando sobre a importância da mulher negra em classes sociais –; Judith Butler (2003) – trazendo variadas reflexões sobre gênero na terceira onda– e Catalina Ruiz-Navarro na onda atual vivenciada, anquarta onda – com sua “luta de vozes”, principalmente nas redes sociais –.

No que concerne as vozes femininas na literatura hispano-americana e o trabalho com a crítica feminista, na *primeira onda* (que vai até meados da década de 1960, marcada pela ruptura de paradigmas e pela conquista de direitos básicos como

direito a educação, divórcio e ao voto) temos uma voz que ecoa: Adéla Zamudio (1914), (escritora Boliviana 1854-1928) através da poesia e como educadora polemizou a sociedade questionando o conservadorismo religioso, defendendo a educação das mulheres e mais igualdade entre homens e mulheres.

Nacer hombre [...]

El se abate y bebe o juega.
En un revés de la suerte:
Ella sufre, lucha y ruega.
(Permitidme que me asombre).
Que a ella se llame el "ser débil" Y
a él se le llame el "ser fuerte".
Porque es hombre!

Ella debe perdonar Siéndole
su esposo infiel; Pero él se
puede vengar.
(Permitidme que me asombre). En
un caso semejante
Hasta puede matar él,
Porque es hombre!

Oh, mortal privilegiado, Que
de perfecto y cabal Gozas
seguro renombre! En todo
caso, para esto, Te ha
bastado
Nacer hombre.

[...]

(Adéla Zamudio, libro Poesías, 1914, 1ª Edição)

Na *segunda onda*, a partir da década de 1960, com alguns direitos conquistados e com maior participação no mercado de trabalho, impera a necessidade de pensar e agir sobre a sexualidade, autonomia sobre o próprio corpo, trabalho e família. Assim, com as mulheres ocupando cada vez mais seus espaços nas universidades, as atuações do movimento feminista a partir de 1960 foram profundamente embasadas por teorias e pensamentos formulados por mulheres intelectuais como Simone de Beauvoir em seu livro *Segundo Sexo* (1949). Como representante desta onda na literatura hispano-americana, buscamos a chilena Isabel Allende (2019) que tem contribuído muito com sua literatura sobre identidade, feminismo e realidades sociais de seu país. Em suas palavras na Exame. em 2019, Allende menciona:

Quando eu comecei a escrever, há quase 40 anos, minha agente, Carmen Balcells, me disse que, por ser mulher, ia me custar o dobro do esforço exigido de qualquer homem para obter a metade do reconhecimento e que a crítica seria muito dura comigo ou simplesmente ia me ignorar, e que meus colegas não me perdoariam se eu tivesse êxito. (ALLENDE, 2019)

Feminismo, como o oceano, é fluido, poderoso, profundo e abrange a infinita complexidade da vida; move-se em ondas, correntes, marés e, às vezes, em tempestades. (ALLENDE, 2019)

A *terceira onda* (1990) possui um forte viés sociológico e filosófico. Se questiona neste período as definições consolidadas pelo movimento feminista nos anos anteriores e, assim, o Feminismo foi ganhando contornos de humanismo, trabalhando com pautas como: as lutas de gênero, questões raciais e socioambientais. Para exemplificar esta luta, investigamos a escritora mexicana Marcela Lagarde, pois sua importância na terceira onda do feminismo é referência para estudos de gênero. Marcela cunhou o termo *feminicídio* e escreveu muito sobre as lutas das mulheres hispano-americanas.

No princípio dos anos 2000, podemos dizer que o ativismo foi enriquecido pelo advento da internet, tomando uma dimensão global. Com as redes sociais virtuais ativas como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *YouTube*, *TikTok* as mulheres começaram suas *batalhas de vozes* buscando a união, melhorias na educação, nas condições de trabalho, por mais seguranças nas ruas, melhor cuidado das crianças e reformas nas leis já existentes. Vários movimentos feministas foram surgindo como organização de luta e reconhecimento da causa feminista, como: *#niunamenos*, *#amitambien*, *#yesallwoman*. Para este momento da literatura feminista, apresentamos a Catalina Ruiz-Navarro (2019), um dos principais expoentes na quarta onda feminista. Para esta autora:

“El feminismo se trata menos de nuestras decisiones individuales y más del trabajo que hacemos juntas para cambiar un sistema que nos tiene jodidas a todas de una u otra manera, a todas” (RUIZ-NAVARRO, 2019, p. 122).

Ao refletirmos sobre o feminismo contemporâneo, não se pode desconhecer a existência de todo um processo construído historicamente que vai servir de fundamento para o desenvolvimento da teoria feminista. Escrever se faz necessário para mostrar às gerações mais jovens como os seus direitos, considerados naturais pelas mulheres de hoje, foram arduamente conquistados, há bem pouco tempo. Sendo assim, é imprescindível que essas novas vozes compreendam a importância de honrar e preservar esse legado, considerando que cada conquista é fruto de lutas e sacrifícios de muitas mulheres que nasceram antes delas. Com tudo isso, pode-se afirmar que, ao se apropriarem dessa história, elas não somente comemoram as vitórias do passado, mas também se tornam protagonistas de sua própria narrativa, continuando a luta por um futuro mais justo e igualitário, sendo esse o principal

objetivo de lutas das mulheres.

Muitas vezes, por nossa própria história somos condicionadas a legitimar somente uma voz, somente uma história. Desestabilizar verdades estabelecidas talvez seja um caminho para repensar a literatura e a sociedade. Assim, no capítulo seguinte serão apresentadas algumas análises dos contos selecionados, buscando relatar as trajetórias de resistência, empoderamento e transformação da mulher hispânica contemporânea.

4. ANALISANDO O PROTAGONISMO DAS MULHERES NOS CONTOS SELECIONADOS: RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO

Eles podem nos forçar a usar o nome deles.
 Eles podem nos trancar em quartos pequenos.
 Eles podem roubar nossas palavras.
 Eles também podem tentar tirar nossas escolhas, Mas a única coisa que eles não podem nunca roubar? Essa determinação, feroz.

(Amanda Lovelace)

Com o apoio dos estudos da literatura hispano-americana, selecionamos três contos de autoras da América Hispânica que expressam claramente a vivência feminina, ultrapassando barreiras geográficas, seja diretamente em forma de desabaços e denúncias ou por metáforas, dualidades e comparações com fatos do cotidiano, desvendam uma gama de sentimentos e frustrações femininas diante dos rótulos e violências que dilaceram não somente os corpos, mas suas mentes e equilíbrio.

As autoras hispanoamericanas contemporâneas, aqui apresentadas, abordam em suas obras temáticas como denúncia social, feminismo e violência de gênero. *Cristina Peri Rossi (83 anos)*, romancista, poetisa, contista e ensaísta uruguaia, foi exilada deixando sua terra natal no ano de 1972. Devido a ditadura militar sofreu repressões por seu ativismo político e pela oposição ao regime autoritarista uruguaio. Sua caminhada nas letras começa desde pequena quando percebe a ausência de autoras mulheres na literatura. Já *Maria Fernanda Ampuero (49 anos)*, escritora equatoriana, jornalista, professora e editora, delineou seus caminhos na literatura com crônicas sociais e humanas, artigos e contos. Seus textos, publicados em jornais e revistas na América Latina e Europa, versam sobre a questão migratória dos povos, dificuldades econômicas e o machismo na sociedade partindo da perspectiva feminista e pessoal. Nossa terceira contista se chama *Arelis Uribe (38 anos)*, professora, escritora e jornalista chilena que expressa em suas obras um olhar refinado, sensível e crítico sobre temas como adolescência, infância, abuso, sexualidade, feminismo e relacionamentos virtuais em zonas periféricas de seu país. Arelis é reconhecida na América-latina por suas obras que dão voz expressiva as mulheres e meninas que como ela, enfrentam opressões de classe, raça e gênero.

As três escritoras, acima elencadas, continuam escrevendo e seus enredos não apresentam uma simples denúncia, mas nos colocam em um momento de reflexão em que podemos ouvir claramente, através das personagens, o pedido de socorro, o clamor para deixarem de ser invisíveis, ao mesmo tempo, em que desvendam suas forças de resistência. Ao lermos os contos selecionados podemos

observar que cada narrativa busca compreender e dar voz à mulher como protagonista, mostrar as nuances de sua existência, subtraindo a ideia de mero coadjuvante. A mulher sai da personagem frágil para se tornar um indivíduo, em que a resistência se efetiva, levando transformação e inspiração, rompendo as barreiras impostas pela sociedade, se permitindo caminhar por novos espaços e de ser vista efetivamente pelo mundo.

As escritas carregadas de profundidade das autoras Cristina Peri Rossi, Fernanda Ampuero e Arelis Uribe, retratam as vozes femininas ganhando espaço no cenário literário. Além da representatividade no debate sobre gênero, elas exploram com maestria os palcos literários, confrontando cada cena com a realidade e com as convenções impostas, rompendo os paradigmas, evidenciando os rostos silenciosos que carregam as dores e que tantas vezes as fazem permanecer invisíveis perante a sociedade, mas também apresentando a força de sua resistência.

As personagens de cada conto se desvendam com traumas, tensões e exclusões, e mesmo em meio a todo o caos em que vivem, ainda carregam dentro de si a força da dualidade entre resiliência e subversão, que as fazem questionar, resistir e reinventar suas vidas. Portanto, mais do que simples personagens, essas mulheres conseguem transformar suas narrativas em espaço de luta e de reconstrução.

Desastres Íntimos (1997), da escritora uruguaia Cristina Peri Rossi, nos convida a ir a um universo profundo carregado de falas paralelas e delicadas, fazendo com que o leitor consiga enxergar além das experiências cotidianas femininas. O conto nos revela, mediante um fato banal da vida contemporânea, a real intenção da autora em expor, às vezes irônica, às vezes pela fragilidade e/ou força da personagem, como a pressão do patriarcado recai pesadamente sobre a mulher em mundo convencionado às lógicas do capital. Rossi se sente muito à vontade em tocar em feridas como as vontades do corpo, os desejos mais ocultos e as relações, e a sua franqueza nos subverte as expectativas. As narrativas do conto “Desastres Íntimos”, que dá título à coletânea, acompanham o desabafo de uma mulher exausta, Patrícia, mãe e profissional, tentando sobreviver à rotina sufocante, igual à da maioria das mulheres. Carregada pelo cansaço e por uma lucidez crítica, retrata o cotidiano, ao mesmo tempo, em que expõe o que é esperado ou exigido de uma mulher, que precisa avaliar constante e instantaneamente as prioridades de seus múltiplos papéis.

La botella de lejía no se abrió. Patricia se sintió frustrada y, luego, irritada. *Nuevo tapón, más seguro*, decía la etiqueta del envase. El sábado había hecho las compras, como todos los sábados, en un gran supermercado, lleno de latas

de cerveza, conservas, fideos y polvos de lavar. La marca de lejía era la misma y, al cogerla del estante, no advirtió el nuevo sistema de tapón. *Ahora, mayor comodidad*, decía la etiqueta, y la leyenda le pareció un sarcasmo. ROSSI, 1997, p. 24

Estas primeiras linhas do conto, mostram como a personagem Patrícia se irrita ao não conseguir abrir a garrafa de água sanitária, mostram como a autora transforma um gesto corriqueiro em símbolo das frustrações diárias que silenciosamente corroem a autonomia feminina. A aparente banalidade do episódio, a compra no supermercado, o novo sistema de tampa, a promessa de “maior comodidade”, nos revelam, sob a lente da teoria feminista, uma mulher encurralada por uma lógica de consumo que ironicamente se vende como progresso, mas a exclui de seus próprios gestos mais cotidianos e de suas características ao lançar produtos no mercado, por exemplo. Simone de Beauvoir em seu livro *O Segundo Sexo*: “A mulher” é muito simples, dizem os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la.” (BEAUVOIR, 1990, p. 25).

Ainda relacionando com a Teoria Feminista, Simone de Beauvoir neste mesmo livro relata que a mulher é constantemente comparada ao homem e com isso acaba ocorrendo uma construção social em que vai limitando a identidade da mulher.

No conto *Desastres Íntimos*, através da personagem Patrícia, Rossi revisita as relações amorosas, bem como a busca pela identidade feminina. A autora se utiliza de uma narrativa reflexiva para mostrar ao leitor as tensões entre o desejo de uma mulher e a sua opressão, ressaltando a luta, a resistência e a transformação que elas passam para serem vistas em um mundo que dita regras rígidas sobre como as mulheres devem agir e pensar. Assim, nos faz questionar os papéis considerados como “tradicionais” de gênero e sugere uma visão sobre a feminilidade, onde a busca da mulher por seu autoconhecimento e a sua liberdade acabam se tornando o tema central.

Por culpa da tampa, estava atrasada; além disso, estava irritada, não sabia que roupa vestir e com certeza chegaria atrasada no trabalho. E estava horrível. No seu trabalho, a aparência era muito importante. A aparência: que conceito mais confuso. Não havia tempo para conhecer nada, nem ninguém; era necessário guiar-se pelas aparências, tudo era uma questão de imagem. (ROSSI, 1997, p. 27)

Podemos ainda, nesse mesmo contexto, destacar a Teoria de Judith Butler, que nos fala sobre a representatividade de gênero, mostrando que a identidade

feminina não é uma base fixa, mas sim a construção social que a qualquer momento pode ser desconstruída e repensada.

Patrícia já tinha entendido que as mulheres com filhos e as mulheres sem filhos constituíam duas classes perfeitamente distintas, incomunicáveis e separadas entre si. Até seus trinta e dois anos, ela pertencera à segunda, mas, desde que colocara Andrés no mundo (de forma premeditada, que fique claro), pertencia à primeira classe: mulheres com filhos, subcategoria mães solteiras. Nesse rigoroso plano de vida, não cabiam falhas nem improvisação. Não cabia, por exemplo, uma maldita tampa impossível de abrir. (ROSSI, 1997, p. 26)

Na relação da personagem com o pai de seu filho, a autora nos faz ponderar sobre o “discurso amoroso tradicional”, expondo estereótipos, lacunas e as violências simbólicas que ele oculta. Percebe-se também, partindo de um olhar através das Teorias Feministas, que nas falas sobre sua intimidade, sente seu corpo como um campo de opressão e resistência, pois a discrepância entre seus desejos e as censuras que a sociedade impõe, dispara um conflito interno que a faz se retrair.

E a água avançava pelo chão. Começou a chorar, sem saber o que fazer. Então, apesar de ninguém esperar, apareceu Antônio, o pai de seu filho. Aparecia e desaparecia sem aviso, era uma forma de dominação, mas ela nunca o tinha censurado por isso. “Nem tudo pode ser dito”, apontou o psicanalista, certa vez, mas Patrícia pensava: que, com Antônio, nada pode ser dito. Era muito suscetível. Antônio entrou com sua chave (que nunca quis devolver: insistia que devia ter a chave da casa onde morava seu filho) e a viu chorando, no meio da sala, enquanto uma água escura, pegajosa, corria pelo chão e ameaçava molhar seus sapatos. Era um homem asseado, muito obsessivo com sua roupa, e não pôde evitar um gesto de contrariedade. (ROSSI, 1997, p. 32)

Em diversas partes do conto, a personagem nos mostra suas fraquezas e suas forças. Ao mesmo tempo em que acontece sua transformação, nos conta trechos de sua história e de como a levaram até suas conquistas e liberdade. O final do conto nos mostra toda a força da simbologia presente na narrativa:

Quando chegou em casa, Patrícia foi diretamente para a cozinha. Procurou uma faca com ponta afiada e, sem titubear, perfurou a tampa. Perfurou-a bem no centro com uma ferida limpa e perfeita. A garrafa perdeu toda sua virilidade. (ROSSI, 1997, p. 34)

O segundo conto escolhido para análise possui como título “*Subasta*” e está presente no livro de contos “*Pelea de Gallos*”, de María Fernanda Ampuero (2020), escritora e jornalista equatoriana que se destaca entre as escritoras hispano-americanas, na atualidade, por sua abordagem intensa sobre as violências que perpassam o cotidiano dos grupos marginalizados, violências estas que de tão comuns passam a ser naturalizadas. Em termos de exemplificação Catalina Ruiz-

navarro (2019), expõe:

[...] empezamos a ser humanos en el momento en que dejamos de ser “naturales” y empezamos a ser “culturales”. Continuemos entonces bajo el acuerdo de que nada en el mundo humano es “natural”, sino más bien “naturalizado” es decir, tan común en nuestras culturas que parece previo a las mismas. (RUIZ-NAVARRO, 2019, p.268).

Ampuero lança mão de sua escritura literária como ferramenta de denúncia e dá visibilidade às múltiplas formas de violências que se propagam em ambientes, quer sejam sociais ou familiares. Seus contos expõem o triste cotidiano enfrentado, principalmente, por meninas e mulheres, desvelando realidades silenciadas e invisibilizadas. Nesse sentido Beauvoir (1980) afirma que

[...] a mulher ensina-lhe que para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objeto; ela deve, portanto, renunciar à sua autonomia. Tratam-a como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade; fecha-se assim um círculo vicioso, pois quanto menos exercer sua liberdade para compreender, apreender e descobrir o mundo que a cerca, menos encontrará nele recursos, menos ousará afirmar-se como sujeito; se a encorajassem a isso, ela poderia manifestar a mesma exuberância viva, a mesma curiosidade, o mesmo espírito de iniciativa, a mesma ousadia que um menino. (BEAUVOIR, 1980, p.22)

A escrita de Ampuero (2020) apresenta-se como forma de enfrentamento e resistência ao patriarcado e propõe reflexões críticas sobre as estruturas opressoras com relação à mulher. Sobre esta perspectiva, cabe transcrever parte de uma entrevista dada pela autora para *“En librerías en español”*, em 07 de março de 2018. Quando questionada sobre suas obras, respondeu:

[...] Yo no escribo literatura femenina o literatura para mujeres porque eso, lo de que se escribe para un sexo en concreto o que un sexo en concreto va a entenderte mejor, es una pendejada titánica (de hecho, ya especificarlo me da vergüenza), pero sí que escribo desde mí – ¿desde dónde más pues? – y, obviamente, mi experiencia vital está marcada por el sexo femenino, soy mujer y no otra cosa: intento escribir sobre lo que más conozco y conocer más mientras escribo. ...No tiene absolutamente ningún sentido que nosotras seamos un género literario, como la ciencia ficción o lo bélico, mientras los hombres son lo que se llama literatura universal (¡universal!). Otra razón más por la que, aunque suene paradójico, agradezco haber descubierto que soy mujer: para exigir ser vista de verdad como un ser humano. (AMPUERO, 2018, *En librerías en español*)

Dando continuidade a este estudo, por intermédio da Teoria Feminista, partiremos do título do conto: *“Subasta”*, de María Fernanda Ampuero, por entendermos que o título é o ponto central para a compreensão, interpretação e crítica. A etimologia da palavra remete à ideia de venda pública, porém, no contexto do conto, o termo adquire uma dimensão imensurável, pois o que se vende são pessoas, especialmente mulheres, leiloadas como mercadorias, reduzidas a corpos disponíveis

para consumo e violência. O título antecipa a denúncia da autora sobre a objetificação extrema do corpo feminino e a lógica de mercado que permeia as relações humanas em sociedades marcadas pelo machismo, pela desigualdade e pela brutalidade. Em um trecho do conto, se pode observar tais características:

A Nancy, una chica que habla con un hilito de voz, el gordo la toca. Lo sé porque dice miren qué tetas, qué ricas, qué paraditas, qué pezoncitos y se sorbe la baba y esas cosas no se dicen sin tocar y, además, qué le impide tocar, quién. Nancy suena joven. Veintipocos. Podría ser enfermera o educadora. A Nancy el gordo la desnuda. Escuchamos que abre su cinturón y que abre los botones y que le arranca la ropa interior, aunque ella dice por favor tantas veces y con tanto miedo que todos mojamos nuestros trapos inmundos con las lágrimas. Miren este culito. Ay, qué cosita. El gordo sorbe a Nancy, el ano de Nancy. Se escuchan lengüeteos. Los hombres azuzan, rugen, aplauden. Luego el embestir de carne contra carne. Y los aullidos. Los aullidos. (AMPUERO, 2020, p. 11).

Para Wolf, em sua obra *O mito da beleza* (2018), a objetificação extrema do corpo feminino é uma estratégia de dominação social e uma forma de controlar as mulheres, pois apesar dos avanços feministas e das conquistas legais e profissionais das mulheres nas últimas décadas a sociedade contemporânea mantém um “mito da beleza” que impõe padrões de perfeição física, criando uma nova forma de opressão.

No entanto, apesar da vergonha, da culpa e da negação, é cada vez maior o número de mulheres que questiona se não se trata de elas serem totalmente neuróticas e solitárias, mas que o que está em jogo é relacionado com a liberação da mulher e a beleza feminina. Quanto mais numerosos foram os obstáculos legais e materiais vencidos pelas mulheres, mais rígidas, pesadas e cruéis foram as imagens da beleza feminina a nós impostas. Muitas mulheres percebem que nosso avanço coletivo foi detido. Um maior número de mulheres dispõe de mais dinheiro, poder, maior campo de ação e reconhecimento legal do que antes. No entanto, em termos de como nos sentimos do ponto de vista físico, podemos realmente estar em pior situação do que nossas avós não liberadas. (WOLF, 2018)

No conto *Subasta*, Ampuero revela, também, que mesmo em um ambiente opressor imposto à mulher, é possível resistir e reivindicar espaços. A protagonista deste conto não possui nome, porém ela representa a resistência e a transformação do corpo em um meio tanto de opressão como de luta.

Una noche, a un gallo le explotó la barriga mientras lo llevaba en mis brazos como a una muñeca y descubrí que a esos señores tan machos que gritaban y azuzaban para que un gallo abriera en canal a otro, les daba asco la caca y la sangre y las vísceras del gallo muerto. Así que me llenaba las manos, las rodillas y la cara con esa mezcla y ya no me jodían con besos ni pendejadas. (AMPUERO, 2020, p.06)

Com uma narrativa envolvente e provocante, Ampuero apresenta, explora e revela o poder e a identidade na sociedade equatoriana contemporânea, trazendo em

sua escrita questões polêmicas para serem debatidas na atualidade como o poder do patriarcado, o silenciamento das mulheres vítimas de agressões, a opressão de gênero, resistência e superação, como podemos observar abaixo:

A veces, papá me despertaba para que tirara a la basura otro gallo despanzurrado. A veces, iba él mismo y los amigos le decían que *para qué mierda tenía a la muchacha, que si era un maricón*. (AMPUERO, 2020, p. 7)

De camino, siempre algún señor gallero me daba un caramelo o una moneda por tocarme o besarme o tocarlo y besarlo. Tenía miedo de que, si se lo decía a papá, volviera a llamarme *mujercita*. (AMPUERO, 2020, p. 6)

[...] Me tiran a un patio. Me bañan con una manguera de lavar carros y luego, mojada, me suben a un carro que me deja, descalza, aturdida, en la Vía Perimetral. (AMPUERO, 2020, p. 12)

O terceiro conto selecionado é proveniente do livro “Quiltras”, da escritora Arelis Uribe. A autora chilena é frequentemente conhecida como cronista que representa, na voz e escrita, uma geração de garotas que se encontram a margem da sociedade. Suas obras se destacam por apresentarem questões sociais e feministas partindo de uma perspectiva pessoal e, ao mesmo, tempo coletiva.

Seus personagens, frequentemente, são ignorados pela literatura chilena tradicional, pois expõem o retrato de corpos marginalizados que enfrentam os desafios e perigos das grandes cidades.

No anda nadie y eso me asusta. Me dan más miedo los paisajes vacíos que los repletos de gente, no sé por qué. Mi única arma de defensa es arrugar la frente, caminar rápido y esperar que no pase nada malo de aquí a mi casa. Camino la primera cuadra y escucho que alguien me sigue. (URIBE, 2016, p. 24)

O conto investigado se denomina “Bestias”, de Arelis Uribe e apresenta uma referência às personagens femininas que, assim como os “vira-latas”, são frequentemente relegadas à margem da sociedade, desprovidas de um lar ou de um lugar seguro para sobreviver.

Me doy vuelta y lo que encuentro es un quiltro. Chico, negro y moviendo la cola. Es ese típico perro que aparece en la ruta, esos perros que vienen y van, que a una le tocan por azar, como las monedas o los billetes, y que son imposibles de reconocer en un reencuentro. Perro dueño, escuché una vez que se llaman. (URIBE, 2016, p. 24)

Como as “vira-latas”, estar sozinha na noite é vista como uma presa a ser dominada. Para

Vamos llegando al ciber del Gustavo y aparece un pastor alemán (o una mezcla de él) y se le tira encima a la madre perra. Al cuello, como si la perra fuera una antílope y el quiltro alemán un jaguar. Y yo grito, SUÉLTALA PERRO DE

MIERDA, ALEMÁN DE MIERDA, NAZI DE MIERDA. El pastor se la trata de montar y también le muerde el lomo y la perra chilla y hace mucho que no siento tanto miedo y me pongo a llorar. Agarro una piedra grande de la vereda y se la tiro. (URIBE, 2016, p. 27)

A narrativa é desenvolvida em primeira pessoa, com linguagem coloquial, fazendo com que o leitor sinta e perceba as emoções da protagonista.

Camino la primera cuadra y escucho que alguien me sigue. Se me aprieta la guata. **Puedo** adivinar que es una **banda de flaites** con cuchillas de doble filo o el **viejo del saco** masturbándose con los pantalones abajo. **Me** doy vuelta y lo que encuentro es un quiltro. Chico, negro y moviendo la cola. (URIBE, 2016, p. 24)

Neste conto, a protagonista enfrenta não somente a luta pela sobrevivência, mas também a busca por uma identidade que transcende as limitações de uma sociedade que vê mulheres, animais e moradores de rua como “bestas” invisíveis, ou seja, seres inferiores e sem valor.

Pienso, ayudo a la quiltra o no. Aprieto la guata y vendo a la perra como toda la gente vende y transa a los perros callejeros. Porque son paisaje, igual que los vagos o las palomas, que nadie mira cuando duermen en la calle y nadie echa de menos cuando los autos las aplastan. (URIBE, 2016, p. 24)

Como ativista, Uribe narra histórias de mulheres que não somente são oprimidas, mas que fazem da opressão um desafio para que elas mesmas desafiem as normas de gênero e as definam. As suas ações e as suas escolhas acabam reescrevendo suas narrativas, fazendo com que as mesmas questionem as expectativas sociais e reivindiquem seus espaços. Sendo essa resistência considerada pela sociedade patriarcal como uma subversão ao mundo. E isso, na teoria feminista, acaba sendo um protagonismo e uma ferramenta de apoio ao empoderamento da mulher.

Ainda podemos dizer que as mulheres saem do papel de vítimas para assumir o papel de agentes da mudança e da transformação. Uribe, em “Bestias”, faz com que as mulheres desafiem as definições tradicionais da feminilidade.

Lo que más me dolió de perder a la Cholita es que todos los niños y niñas del pasaje tenían su peluche vivo en el patio delantero. Yo no tenía nada. Una noche decidí corregir ese vacío. Agarré mi cuerda de saltar y mi mochila de campamento y me fui a recorrer otras poblaciones, donde no conociera a nadie con quien sentirme culpable... (URIBE, 2016, p. 26)

... Me arrodillé frente a él y le dije: ahora eres mío.... (URIBE, 2016, p. 26)

... En ese momento apareció mi abuela. Me retó, dijo que yo estaba haciendo

lo mismo que alguien me había hecho a mí al llevarse a la Cholita. Le encontré razón, pero no lo dije. (URIBE, 2016, p. 26)

A autora ainda nos convida a fazer uma reflexão sobre como são complexas as experiências femininas, em que a marginalização e a resistência coexistem, como na passagem do conto de Uribe (2016): Miro hacia adelante y veo la plaza semi vacía y veo mi casa y pienso en la luz encendida de la pieza de mi abuela y el traca traca incansable de su máquina de coser.

Segundo as leituras que realizamos sobre a Teoria Feminista, autoras como Beauvoir (2008) e Butler (2003), podemos dizer que se torna evidente a luta das mulheres expostas nos contos de Uribe. Em “Bestias”, um texto curto mas potente, apresenta através da resistência da cachorrinha vira-latas, não ter amarras e não se vitimizar, permite colocar-se como agente de mudanças e de quebra de paradigmas.

Me levanto para volver a mi casa y entonces la veo. Las tetas colgando y cuatro perritos chicos igual de negros que ella se le refugian detrás. Camino y le aviso con los ojos que la voy a buscar. Y ella se queda muy tranquila en la vereda, sin ningún cordel que la amarre a esperarme ahí. (URIBE, 2016, p. 29)

Uma das mais influentes filósofas contemporâneas no que se refere ao gênero, Judith Butler (2003) destaca em sua obra *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade* que a luta contra a marginalização deve ser transversal, articulando questões de gênero, raça, classe, sexualidade e outras formas de desigualdade, para denunciar a radical e obscena desigualdade social que afeta não só mulheres, mas também migrantes, pessoas LGBTQIA+ e outros grupos vulneráveis.

Para concluir, podemos afirmar que este conto não serve somente para retratar um cenário triste, mas um espaço de transformação e reflexões sobre a mulher e a sociedade, sobre sua força e voz permitindo ao leitor enxergar além das palavras, e fazendo com que observe e valorize a luta contínua e perseverante da mulher pela busca de autonomia e de sua identidade.

5. REFLEXÕES FINAIS

“Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja nossa própria substância”

(Simone de Beauvoir)

Ao analisarmos as palavras “Resistência” e “Transformação”, no campo da semântica, podemos observar que essas palavras possuem fortes expressividades e estão em destaque no cenário literário hispano-americano contemporâneo quando nos direcionamos à mulher como personagem protagonista. Os contos de Cristina Peri Rossi (2000), Fernanda Ampuero (2020) e Arelis Uribe (2020) nos mostram um ambiente multifacetado e muito rico para reflexão, no qual as narrativas aqui expostas desafiam as normas culturais e sociais que o mundo expõe às mulheres. As autoras não somente mostram a realidade pura e simples enfrentada pelas mulheres, mas nos direcionam a uma nova visão, uma nova perspectiva sobre os direitos e a identidade feminina, suas lutas por direitos igualitários e a sua incansável busca por autonomia.

Com o referencial teórico baseado na Teoria Feminista, foi possível notar como essas autoras utilizaram de seus contos para questionar as construções sociais e culturais que definem o que é ser mulher. Em *Desastres Íntimos*, Rossi (2000) transita nas complexidades das relações amorosas e na busca da mulher pela sua real identidade, mundo em que seguidamente sua voz é silenciada. A obra destaca o autoconhecimento e a liberdade, nos fazendo refletir sobre a ideia de que a mulher deve, sim, se autoafirmar além das definições impostas pela sociedade patriarcal.

No conto *Subasta*, a escritora nos leva a avaliar o caminho das desigualdades sociais, fazendo com que o leitor questione os papéis tradicionalista e patriarcal bem como reflita criticamente sobre quem dita o poder que silencia principalmente o público feminino. O discurso exposto por Ampuero, na verdade são clamores das mulheres solicitando reconhecimento e dignidade. A autora revela um esboço de como as mulheres podem e devem desafiar e subverter essa sociedade que oprime, marginaliza e tira a voz das mulheres.

As narrativas aqui expostas não apenas refletem a luta das mulheres, mas celebram as conquistas e a força que reside na coletividade. Através das personagens, as autoras nos fazem repensar o papel da mulher na sociedade, buscando e reconhecendo suas lutas e valorizando suas vozes que em muitos casos foram silenciadas pela sociedade corrompida por um sistema patriarcal, tornando assim a literatura um espaço de resistência, em que as mulheres podem se expressar livremente

e desafiar as normas que as limitam.

Dessa forma, podemos observar que, ao longo de décadas, tem-se travado uma luta incessante contra a desigualdade de gênero, pois a discrepância continua grande apesar das diversas mobilizações em escala global.

Os contos de Rossi, Ampuero e Uribe procuram se destacar como uma chama de esperança e de mudança na vida das mulheres, colocando-as como protagonistas, pois nos fazem permear o caminho da resistência e refletir sobre a trajetória feminina que é constante e cheia de desafios. Cada história ou palavra escrita, nos leva um passo mais perto da autonomia e da liberdade. Assim, a Literatura Hispano-americana revela-se uma difusora poderosa de ideias e reflexões para a concretização de mudanças sociais, ao inspirar as novas gerações de mulheres a reivindicarem seu espaço e protagonismo no mundo, tornando suas vozes armas de resistência e empoderamento.

Finalmente, podemos dizer que essas narrativas aprentadas aqui, evidenciam a riqueza e a complexidade das vozes femininas na literatura hispânica atual. As contistas não discorrem somente sobre a dura luta das mulheres, mas elas também celebram a força, resiliência e capacidade de transformação da mulher contemporânea como indivíduo protagonista de sua própria história. Esperamos, ainda, que este estudo elucide um melhor entendimento de como a literatura hispano-americana contemporânea, através de seu discurso, representa a mulher e de que modo essas representações podem ser compreendidas como formas de empoderamento, resistência e transformação.

REFERÊNCIAS

- AMABILI, Mallu. Juana Inés de la Cruz: Fênix da América. **Entretetizei**. 22 de nov. 2021. Disponível em: <https://entretetizei.com.br/latinizei-juana-ines-de-la-cruz-fenix-da-america/>. Acessado em 06/07/2025.
- AMPUERO, María Fernanda. **Pelea de Gallos**. Páginas de Espuma, 2020.
- BAZERMAN, C. **Escrita, gênero e interação social**. In: HOFFNAGEL, Judith C. & DIONÍSIO, Angela P. (orgs.). São Paulo: Cortez, 2007.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. A experiência vivida, volume 2; tradução Sérgio Milliet. - 3. ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.
- BEAUVOIR, Simone de. **El segundo sexo**. 2. ed. Buenos Aires: Debolsillo, 2008.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Fatos e mitos; tradução Sérgio Milliet. 3. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- EXAME. Em novo livro, Isabel Allende faz uma reflexão sobre o movimento feminista. **Exame**, São Paulo, 30 de novembro de 2020. Disponível em https://classic.exame.com/casual/em-novo-livro-isabel-allende-faz-uma-reflexao-sobre-o-movimento-feminista/?utm_source=copiaecola&utm_medium=compartilhamento, 2019. Acesso em 10 de junho de 2025.
- GUARDIA, Sara Beatriz. **Mujeres que escriben en América Latina**. 1ª ed. Centro de Estudios La Mujer en la Historia de América Latina, CEMHAL Auspício: Facultad de Letras y Ciencias Humanas Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Perú, 2007.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- HOOKS, B. **“E eu não sou uma mulher?”: Mulheres negras e feminismo**. Trad. Bhuvli Libanio. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.
- LOVELACE, Amanda. **A bruxa não vai para a fogueira neste livro**. Tradução de Izabel Aleixo. Rio de Janeiro: Leya, 2018.
- NOVELLINO, M. S. F. MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL NO SÉCULO XX. **Revista Feminismos**, [S. l.], v. 6, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30362>. Acesso em: 26 junho, 2025.
- PAZ, Octavio. **Sor Juana Inés de la cruz ou as armadilhas da fé**. [Tradução Wladir Dupont]. São Paulo: Mandarim, 1998.
- PINTO, Célia Regina Jardim. FEMINISMO, HISTÓRIA E PODER. **Revista De Sociologia E Política**, 18(36), 2010. Disponível em <https://doi.org/10.5380/rsp.v18i36.31624> . Acesso em: 25 de outubro de 2024.

RIBEIRO, D. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROSSI, Cristina Peri. **Desastres Íntimos**. Barcelona: Editorial Lumen, 2000.

RUIZ-NAVARRO, Catalina. **Las mujeres que luchan se encuentran**: Manual de feminismo pop latinoamericano. Penguin Random House Grupo Editorial Colombia. Edição do Kindle, 2019.

SANTOS, Ana Cristina. **Anuário Brasileiro de Estudios Hispánicos**. Embajada de España en Brasil, Brasília-DF, 1999.

SILVA, Jacilene Maria. **Feminismo na atualidade**: a formação da quarta onda/ Jacilene Maria Silva. - Recife: Independently published, 2019.

SOLNIT, Rebecca. **A mãe de todas as perguntas**: Reflexões sobre os novos feminismos / Rebecca Solnit; tradução Denise Bottmann. – 1ª ed.– São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SOLNIT, Rebecca. **Os homens explicam tudo para mim**. imagens Ana Teresa Fernandez; tradução Isa Mara Lando. - São Paulo: Cultrix, 2017.

STORNI, Alfonsina. **La Inquietud del Rosal**. Librería La Facultad; Buenos Aires, 1916.

URIBE, Arelis. **Quiltras**. Paraíso Perdido Editorial, 2020.

VARELA, NURIA. **Feminismo 4.0**. La cuarta ola (Spanish Edition) . Penguin Random House Grupo Editorial España. Edição do Kindle. 2019.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres/ Naomi Wolf; tradução Waldéa Barcellos. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

ZAMUDIO, Adela. **Poesías**. Ediciones La Biblioteca Digital, edição do Kindle, n.p., 2014.

ZINANI, Cecil. **Literatura e gênero: a construção da identidade feminina**. Editora Caxias do Sul: Educs, 2013.

ANEXOS

ANEXO I

Desastres Íntimos (Cuento de Cristina Peri Rossi)

La botella de lejía no se abrió. Patricia se sintió frustrada y, luego, irritada. *Nuevo tapón, más seguro*, decía la etiqueta del envase. El sábado había hecho las compras, como todos los sábados, en un gran supermercado, lleno de latas de cerveza, conservas, fideos y polvos de lavar. La marca de lejía era la misma y, al cogerla del estante, no advirtió el nuevo sistema de tapón. *Ahora, mayor comodidad*, decía la etiqueta, y la leyenda le pareció un sarcasmo. Eran las siete menos cuarto de la mañana; tenía que darle el biberón a su hijo, vestirlo, colocar sus juguetes y pañales en el bolso, bajar al garaje, encender el auto y apresurarse para llegar a la guardería, antes de que las calles estuvieran atascadas y se le hiciera tarde para el trabajo. Arterias, llamaban a las calles; con el uso, unas y otras se atascaban: el colapso era seguro.

Después de dejar a Andrés en la guardería le quedaban quince minutos para atravesar la avenida, conducir hasta el aparcamiento de la oficina y subir en el ascensor, planta veintidós, Importación y Exportación, Gálvez y Mautone, S.A. Debía intentar abrir el tapón. Tenía que serenarse y estudiar las instrucciones de la etiqueta. En efecto: en el vientre de la botella había un dibujo y, debajo, unas letras pequeñas. El dibujo representaba el tapón (*Nuevo diseño, mayor comodidad*) y unos delgados dedos e mujer, con las uñas muy largas. El texto decía: PARA ABRIR EL TAPÓN APRIETE EN LAS ZONAS RAYADAS. Miró el reloj en su muñeca. Faltaba poco para las siete. Nerviosamente, pensó que no tenía tiempo para buscar las zonas rayadas del tapón, como ninguno de sus amantes había tenido tiempo para buscar sus zonas erógenas. La vida se había vuelto muy urgente: el tiempo escaseaba. Aún así, alcanzó a descubrir unas muescas, que era lo máximo que sus amantes habían descubierto en ella. Según las instrucciones de la botella, ahora debía presionar con los dedos para desenroscar el tapón. Alguno de sus estúpidos ex-amantes también había creído que todo era cuestión de presionar. Efectuó el movimiento indicado por el dibujo, pero la rosca no se movió. AHORA, LEVANTE LA TAPA SUPERIOR, decía el texto. ¿Cuándo era «ahora»? Uno de sus amantes había pretendido, también, que ella dijera «ahora», un poco antes del momento

culminante. Le pareció completamente ridículo. Como a un niño que se le enseña a cruzar la calle, o a un perrito cuando debe orinar. Sin embargo, los asesores de publicidad de la empresa donde ella trabajaba solían decir que había que tratar a los consumidores como si fueran niños: explicarles hasta lo más obvio. ¿Ella era una niña? ¿Qué el tapón de la maldita botella no se abriera significaba que algo había fracasado en su sistema de aprendizaje? ¿Los empresarios de la marca de lejía habían diseñado un nuevo tapón para mujeres-niñas que criaban hijos-niños, que a su vez engendrarían nuevos consumidores-niños hasta el fin de los siglos? Algo había fallado en el diseño. O era ella. Porque la tapa no se había abierto. Y se estaba haciendo demasiado tarde. «Serénate», pensó. Los nervios no conducían a ninguna parte. Desde que Andrés había nacido (hacía dos años), su vida estaba rigurosamente programada. Se levantaba a las seis de la mañana, se duchaba, tomaba su desayuno con cereales y vitamina C, se vestía (el aspecto era muy importante en un trabajo como el suyo) y, luego, llevaba a Andrés a la guardería. De allí, lo más rápidamente posible, hasta su trabajo. En el trabajo, hasta las cinco de la tarde, volvía a ser una mujer independiente y sola, una mujer sin hijo, una empleada eficiente y responsable. A la empresa no le interesaban los problemas domésticos que pudiera tener. Es más: Patricia tenía la impresión de que, para los jefes de la empresa, la vida doméstica no existía. O creían que sólo la gente que fracasaba tenía vida doméstica.

A la salida de la oficina, iba a buscar a Andrés. Lo encontraba siempre cansado y medio dormido, de modo que conducía de vuelta a su casa, a la misma hora que, en la ciudad, miles y miles de hombres y de mujeres que habían carecido de vida doméstica hasta las seis de la tarde también conducían sus autos de regreso, formando grandes atascos. Después, tenía que dar de comer al niño, bañarlo, acostarlo y ordenar un poco la casa. Le quedaba muy poco tiempo para las relaciones personales. (Bajo este acápite, Patricia englobaba las conversaciones telefónicas con el padre de Andrés, o con la ginecóloga que controlaba sus menstruaciones y hormonas. Alguna vez, también, llamaba por teléfono a un ex—amigo o ex—amante: no siempre se acordaba de si alguna vez fueron lo uno o lo otro, y a las once de la noche, luego de una jornada dura de trabajo, la cosa no revestía mayor importancia.) los sábados iba a un gran supermercado y hacía las compras para toda la semana. Los domingos llevaba a Andrés al parque o al zoo.

Pero el único parque de la ciudad estaba muy contaminado, y en cuanto al zoológico, el ayuntamiento había puesto en venta o en alquiler a muchos de sus animales, ante la imposibilidad de mantenerlos con el escaso presupuesto del que disponía. Si el tiempo no era bueno, Patricia iba a visitar a alguna amiga que también tuviera hijos pequeños: Patricia había comprendido que las mujeres con hijos y las mujeres sin hijos constituían dos clases perfectamente diferenciadas, comunicables y separadas entre sí. Hasta los treinta y dos años, ella había pertenecido a la segunda, pero desde que había puesto a Andrés en el mundo (con premeditación, todo sea dicho), pertenecía a la primera clase, mujeres con hijos, subcategoría de madres solteras. En este riguroso plan de vida, no cabían los fallos ni la improvisación. No cabía, por ejemplo, un maldito tapón que no pudiera abrirse.

«Serénate», volvió a decirse Patricia. Podía prescindir de la lejía, pero, al hacerlo, se sentía insegura, humillada. Si no podía abrir un simple tapón de lejía, ¿cómo iba a hacer otras cosas? Los fabricantes, antes de lanzar el nuevo envase al mercado, debían haber realizado todas las pruebas pertinentes. Un elemento doméstico de uso tan extendido está dirigido a un público general e indiferenciado; los fabricantes optan por sistemas fáciles y sencillos, de comprensión elemental, al alcance de cualquiera, aun de las personas más ignorantes. Pero ella, Patricia Suárez, treinta y tres años, licenciada en Ciencias Empresariales y empleada en Gálvez y Mautone, Importación y Exportación, madre soltera, mujer atractiva, eficiente y autónoma, no era capaz de abrir el tapón. Tuvo deseos de llorar. Por culpa del tapón se estaba retrasando; además, estaba nerviosa, no sabía qué ropa ponerse y seguramente llegaría tarde al trabajo. Y tendría un aspecto horroroso. En su trabajo la apariencia era muy importante. La apariencia: qué concepto más confuso. No había tiempo para conocer nada, ni a nadie: había que guiarse por las apariencias, todo era cuestión de imagen. Iba a contarle a su psicoanalista el incidente del tapón. Cuando no se tiene un buen amante, es necesario tener un buen psicoanalista: igual que un buen abogado, o un buen dentista. Por cuestiones de higiene, como la limpieza del cutis, del cabello o de la mente. Iba al psicoanalista antes de que naciera Andrés. En realidad, la decisión de tener un hijo la discutió consigo misma ante el oído ecuánime o indiferente —Patricia no lo sabía— del psicoanalista. «Sea cual sea su decisión —había dicho él—, yo estaré de acuerdo con usted.» Patricia pensó que le hubiera gustado que un hombre —no el psicoanalista— le hubiera dicho lo mismo. Pero no lo había tenido. El padre de Andrés no quería

tener hijos, y cuando se enteró del embarazo de Patricia, se consideró engañado, de modo que aceptó —a regañadientes— que su paternidad se limitaría a la inscripción del niño en el Registro Civil. Él no quería hijos y Patricia no quería un marido: a veces es más fácil saber lo que no se quiere. Mientras intentaba abrir el tapón, Patricia pensó que la relación más estable de su vida era con el psicoanalista. Se le ocurrió que los psicoanalistas varones eran como machos cabríos: les gustaba tener una manada de mujeres dependientes, sumisas, frustradas, que trabajaban para él y lo consultaban acerca de todas las cosas, como si él fuera el gran macho Alfa, el patriarca, la autoridad suprema, Dios. Seguramente, si le contaba al psicoanalista la resistencia del tapón de lejía, él le iba a pedir que analizara los posibles significados de la palabra tapón. Ella diría que, cuando veía un tapón de botella (especialmente si se trataba del corcho de una botella de vino o de champán), pensaba en Antonio, el padre de Andrés, por su aspecto retacón. Enseguida, agregaría que siempre le gustaban los hombres feos, quizás porque con ellos se sentía más segura: por lo menos, era superior en belleza.

La lejía no se abría. Eran las siete y media, aún no había despertado a Andrés y no había decidido qué ropa iba a ponerse. Se le ocurrió que podía salir al rellano y, con la botella de lejía en la mano, golpear la puerta de un vecino, para que la abriera. A esa hora temprana, la mayoría de los hombres del edificio estarían afeitándose para ir al trabajo, y, aunque la vida moderna impide que los vecinos de una planta se conozcan y se hagan pequeños favores, como prestarse un poco de harina, una taza de leche o el descorchador, la visión de una débil y desprotegida mujer, desconcertada ante un envase de imposible tapón, halagaría la venidad de cualquier macho del mundo. El vecino, en pantalón de pijama y con la cara a medio afeitar, saldría a la puerta, y con un solo gesto, firme, seco, viril (como el tajo de una espada), desvirgaría la botella, la degollaría. Le devolvería la botella desvirgada con una sonrisa de suficiencia en los labios, y le diría alguna frase galante como: «Sólo se necesitaba un poco de fuerza» o «Llámeme cada vez que tenga un problema»: una frase ambigua y autocomplaciente, que reforzara su superioridad masculina. Ella lo aceptaría con humildad, porque era demasiado tarde y porque su madre siempre le había dicho lo difícil que era, para una mujer, vivir sola, sin un hombre al lado. Después de escucharla muchas veces (su madre enviudó muy joven), Patricia tuvo la sensación de que la dificultad (esa sobre la que su madre insistía repetidamente) era una confusa mezcla de enchufes rotos, puertas encalladas, reparaciones

domésticas, miedo nocturno, soledad e impotencia. Sintió que la dificultad tenía que ver oscuramente con el tapón. En ausencia de un hombre que arreglara los enchufes y abriera los tapones rebeldes, Patricia había considerado la posibilidad de tener una empleada doméstica. Pero no ganaba siquiera lo suficiente como para pagar el alquiler del apartamento, la guardería del niño, la gasolina, la ropa adecuada para su trabajo, muy exigente, la peluquería y la sesión semanal con el psicoanalista. El psicoanalista era mucho más caro que una empleada de servicio, aunque en ambos casos se trataba de limpiar. El psicoanalista no sólo era el macho Alfa de la manada: también era un deshollinador. Entonces, mientras lidiaba con el tapón, recordó que al mediodía tenía un almuerzo de negocios con el director de una fábrica de lencería femenina. La lencería femenina se había puesto de moda, en los últimos años, y, en lugar de un coito a pelo seco, muchas personas preferían deleitarse con una gama de ligeros, bragas, sujetadores y arneses que excitaban la imaginación. No podía perder más tiempo. Tenía que despertar a Andrés, lavarlo, darle el biberón y vestirlo. Miró con hostilidad la botella de lejía, impoluta, de envase amarillo y tapón azul, que se erguía, incólume, a pesar de todos sus esfuerzos. No, no era que ella no pudiera: seguramente, se trataba de un error de la fabricación. El que diseñó el tapón debía de ser un hombre. Un macho engreído, autosuficiente, seguro de sí mismo. Diseñó un tapón fallido, un tapón que las manos de una mujer no podían abrir, porque él, con toda probabilidad, jamás se había fijado en las manos de una mujer, en su fragilidad, en su delicadeza. El artilugio nuevo había sustituido al anterior, y ahora, en este mismo momento, en Barcelona, en Nueva York, en Los Ángeles y en Buenos Aires (la lejía era de una importante multinacional), miles de mujeres luchaban para desenroscar el tapón, mientras Andrés empezaba a llorar, seguramente se había despertado hambriento e inquieto, su reloj biológico tenía requerimientos imperiosos, le indicaba que algo no iba bien, había ocurrido un accidente, un desperfecto, mamá la dadora, mamá el pecho bueno no venía a alimentarlo, no lo mecía, no lo besaba, no lo limpiaba, no lo vestía. Andrés empezaba a llorar como estaba a punto de llorar ella. Se hacía tarde, el niño tenía hambre, ella se retrasaba y el jefe no admitía explicaciones, carecía de vida doméstica, como todos los jefes, por lo cual no tenía lejía, ni tapones: el jefe era un tipo soberbio sin ropa que lavar, ni trajes que limpiar, los calcetines usados los tiraba a la basura, comía en el restaurante y no tenía hijos. A la mañana, Andrés sólo bebía la leche si se la administraba con el biberón. Debía de ser un resabio su etapa de lactante. «Cuando nos despertamos —pensó Patricia—,

casi todos somos bebés.» Biberón sí, taza no. Cereales con miel sí, son azúcar no. Era así: los niños estaban atravesados por el deseo, algo que los adultos no se podían permitir. ¿El deseo de la botella de lejía era permanecer cerrada? «No seas tonta, Patricia —se dijo—, los objetos no tienen deseos.» Bien, si no era el caso de la botella, debía ser el deseo del que inventó el tapón. A ninguna mujer se le ocurriría que para abrir una botella de lejía era necesario emplear la fuerza. En el fondo, el inventor había diseñado el tapón perfecto: mudo y silencioso en su opresión, incapaz de abrirse, de soltar su tesoro, como algunos virgos queratinosos. (No recordaba dónde había leído eso. Seguramente en alguna revista, en el dentista o en la peluquería. Era el único tiempo del que disponía para leer.) El inventor debía de ser un tipo al que no le gustaba que las cosas se salieran de madre; pensaba que las cosas tenían que estar siempre contenidas. Atrapadas. Posiblemente, para él, la botella de lejía era un símbolo fálico. Guardar el semen, no perderlo ni malgastarlo, no derrocharlo inútilmente. Como Antonio, que hacía el amor siempre con preservativos, para evitar la paternidad. Ella hubiera jurado que, sin embargo, Antonio miraba con cierta nostalgia el líquido seminal que expulsaba el inodoro: quizás lamentaba el desperdicio. El semen siempre olía un poco a lejía. Y Andrés estaba llorando. Patricia iba a tomar una decisión: abandonaría el frasco de lejía con su tapón hermético, indestructible. Lo dejaría sobre la mesa, luciendo su virginidad impenetrable y olvidaría el incidente. La última vez que había llorado por algo semejante fue cuando las tuberías se atascaron. Nadie la había enseñado nunca el funcionamiento de las tuberías: ni en la escuela, ni en la Universidad de Ciencias Empresariales. Y las tuberías del edificio donde vivía se atascaron en su ausencia, a traición, mientras estaba en la oficina. Ella había regresado ingenuamente a su hogar, como todos los días, sin saber que, al abrir el grifo, las tuberías iban a estallar. Sin previo aviso. De pronto, de las entrañas del edificio empezaron a salir líquidos extraños, malolientes, turbulentos y de colores sórdidos. Ella no entendía qué estaba pasando. Había alquilado el apartamento recientemente, y por un precio que de ninguna manera se podía considerar una ganga. Y ahora, de pronto, parecía que el apartamento se desgonzaba, que se licuaba en sustancias repugnantes, como ese cuadro, Europa después de la lluvia, que había visto en una exposición. Quiso pedir ayuda por teléfono, pero la voz automática de un contestador le contestó que, por un desperfecto de las líneas de la zona, lo lamentamos mucho, las comunicaciones telefónicas están interrumpidas. Y el agua avanzaba por los suelos. Se echó a llorar,

sin saber qué hacer. Entonces, aunque nadie lo esperaba, apareció Antonio, el padre de su hijo. Aparecía y desaparecía sin aviso, era una forma de dominación, pero ella no se lo había reprochado nunca. «Todo no se puede decir», observó el psicoanalista, en una ocasión, pero Patricia pensaba que, con Antonio, nada se podía decir. Era muy susceptible. Antonio entró con su llave (que nunca le había querido devolver: insistía en que debía poseer la llave de la casa donde vivía su hijo) y la vio llorando, en medio de la sala, mientras un agua oscura, pegajosa, corría por el suelo y amenazaba con mojarle los zapatos. Era un hombre pulcro, muy obsesivo con la ropa, y no pudo evitar un gesto de disgusto. Este gesto recrudeció el llanto de Patricia. En realidad, no tenía que importarle lo más mínimo que Antonio se ensuciara los zapatos y el bajo de los pantalones, pero se sintió inexplicablemente culpable e insegura, tuvo lástima de sí misma y continuó llorando. Él no dijo nada (echó una mirada atenta y abarcadora que comprendió toda la situación: las tuberías repletas, el suelo inundado, el llanto de Patricia, su culpabilidad e impotencia) y, luego de estudiar el panorama, se dirigió rápidamente a la cocina, a un panel oculto entre el zócalo y la pared, dentro de un cajón, y con un par de pases enérgicos, inconfundiblemente masculinos, suspendió el chorro de agua. Patricia dejó de llorar, sorprendida. El empleado que hizo las instalaciones, cuando se mudó a ese piso, le había dicho que por ningún motivo del mundo tocara esas llaves, y ella había acatado la orden tan estrictamente que las olvidó por completo.

Una vez cortado el chorro de agua, Antonio llamó al portero por el intercomunicador del edificio (que ahora funcionaba) y le pagó para que secara el agua que inundaba el apartamento. Así eran los hombres de eficaces. Satisfecho de sí mismo, se sintió generoso y la invitó a tomar un refresco, con el niño, en el bar de la esquina, mientras el portero secaba el agua del suelo. No hablaron de nada, pero él le dio un consejo. Le dijo: «No debes llorar porque una tubería se ha roto». Entonces Patricia, con mucha tranquilidad, de una manera muy serena, le arrojó el refresco a la cara, con su contenido de líquido y pequeñas burbujas de naranja. El líquido manchó la solapa del traje claro, nuevo, que él acababa de estrenar.

Ahora estaba llorando otra vez, pero no tenía a quien arrojarle la botella de lejía. Gimoteando, comenzó a vestir al niño.

—No creas que estoy llorando sólo porque el tapón de la botella de lejía no quiere abrirse — le explicó, como en un soliloquio—, sino por la sospecha que eso ha

introducido en mí. Al principio, es verdad, pensé que se trataba de un fallo personal. Pensé que era yo, que no podía. Pero no se trata de mí, sino del tapón. Han fabricado un nuevo envase con fallos, han puesto las botellas en las estanterías y las hemos comprado con inocencia. Por culpa de eso se me ha hecho tarde, llegaremos con retraso a la guardería y a mi trabajo. No podré decirle a mi jefe una cosa tan simple como que el tapón de la lejía no se abría. Es un hombre muy eficaz, muy importante: carece de vida doméstica. Sólo le conciernen las cotizaciones de la Bolsa, las guerras de mercados, las especulaciones con divisas y las campañas publicitarias. Podré decir, a lo sumo, que me retrasé por un atasco. Los atascos, hijo mío, son muy respetables. Son más respetables que un dolor de cabeza, la enfermedad de un pariente o la rotura de una tubería. Y tú —continuó Patricia, dirigiéndose al niño, pero como hablando para sí misma— no has llorado sólo porque tenías hambre. Has llorado porque el tapón de lejía no se abría, yo estaba nerviosa y dudé de mí misma.

Esa tarde, mientras conducía hasta el consultorio del psicoanalista, (todo había salido relativamente bien, a pesar del retraso), pensó que las lágrimas de las mujeres, esparcidas por la ciudad, eran un río blanco, ardiente, un río de lava, un río insospechable que circulaba por las entrañas oscuras, un río sin nombre, que no aparecía en los mapas.

—El tapón de lejía no se abrió —le dijo Patricia al psicoanalista, en cuanto comenzó la sesión— y no estoy dispuesta a perder tiempo con interpretaciones. Es un hecho: el nuevo sistema de rosca de esa marca no funciona. Llamé a la distribuidora del producto. Había recibido numerosas quejas. El nuevo tapón fue diseñado por un ingeniero industrial ávido de éxito, supongo, fuerte, seguro de sí mismo, pero ha sido un fracaso. Van a retirar los envases de circulación. En cuanto a mí —afirmó Patricia con decisión—, voy a pedir una indemnización.

—¿A la fábrica del producto? —preguntó el psicoanalista, sorprendido.

—Al padre de Andrés, por supuesto —respondió Patricia—. No se hace cargo de ningún gasto. Como si el niño no le concerniera.

Cuando llegó a su casa, Patricia se dirigió directamente a la cocina. Buscó un cuchillo de punta afilada, y, sin titubeos, agujereó el tapón. Lo perforó por el centro con una herida limpia y perfecta. La botella perdió toda su virilidad.

ROSSI, Cristina Peri. **Desastres Íntimos**. Barcelona: Editorial Lumen, 2000.

NEXO II

SUBASTA (Cuento de Fernanda Ampuero)

En algún lado hay gallos.

Aquí, de rodillas, con la cabeza gacha y cubierta con un trapo inmundo, me concentro en escuchar a los gallos, cuántos son, si están en jaula o en corral. Papá era gallero y, como no tenía con quién dejarme, me llevaba a las peleas. Las primeras veces lloraba al ver al gallito desbaratado sobre la arena y él se reía y me decía *mujercita*.

Por la noche, gallos gigantes, vampiros, devoraban mis tripas, gritaba y él venía a mi cama y me volvía a decir *mujercita*.

—Ya, no seas tan mujercita. Son gallos, carajo.

Después ya no lloraba al ver las tripas calientes del gallo perdedor mezclándose con el polvo. Yo era quien recogía esa bola de plumas y vísceras y la llevaba al contenedor de la basura. Yo les decía: adiós gallito, sé feliz en el cielo donde hay miles de gusanos y campo y maíz y familias que aman a los gallitos. De camino, siempre algún señor gallero me daba un caramelo o una moneda por tocarme o besarme o tocarlo y besarlo. Tenía miedo de que, si se lo decía a papá, volviera a llamarme *mujercita*.

—Ya, no seas tan mujercita. Son galleros, carajo.

Una noche, a un gallo le explotó la barriga mientras lo llevaba en mis brazos como a una muñeca y descubrí que a esos señores tan machos que gritaban y azuzaban para que un gallo abriera en canal a otro, les daba asco la caca y la sangre y las vísceras del gallo muerto. Así que me llenaba las manos, las rodillas y la cara con esa mezcla y ya no me jodían con besos ni pendejadas.

Le decían a mi papá:

—Tu hija es una monstrea.

Y él respondía que más monstruos eran ellos y después les chocaba los vasitos de licor.

—Más monstruo, vos. Salud.

El olor dentro de una gallera es asqueroso. A veces me quedaba dormida en una esquina, debajo de las graderías, y despertaba con algún hombre de esos mirándome la ropa interior por debajo del uniforme del colegio. Por eso, antes de quedarme dormida, me metía la cabeza de un gallo en medio de las piernas. Una o muchas. Un cinturón de cabezas de gallitos. Levantar una falda y encontrarse cabecitas arrancadas tampoco gustaba a los machos.

A veces, papá me despertaba para que tirara a la basura otro gallo despanzurrado. A veces, iba él mismo y los amigos le decían que para qué mierda tenía a la muchacha, que si era un maricón. Él se iba con el gallo descujaringado chorreando sangre. Desde la puerta les tiraba un beso. Los amigos se reían.

Sé que aquí, en algún lado, hay gallos, porque reconocería ese olor a miles de kilómetros. El olor de mi vida, el olor de mi padre. Huele a sangre, a hombre, a caca, a licor barato, a sudor agrio y a grasa industrial. No hay que ser muy inteligente para saber que este es un sitio clandestino, un lugar refundido quién sabe dónde, y que estoy muy pero que muy jodida.

Habla un hombre. Tendrá unos cuarenta. Lo imagino gordo, calvo y sucio, con camiseta blanca sin mangas, short y chancletas plásticas, le imagino las uñas del meñique y del pulgar largas. Habla en plural. Aquí hay alguien más que yo. Aquí hay más gente de rodillas, con la cabeza gacha, cubierta por esta asquerosa tela oscura.

—A ver, nos vamos tranquilizando, que al primer *hijueputa* que haga un solo ruido le meto un tiro en la cabeza. Si todos colaboramos, todos salimos de esta noche enteros.

Siento su panza contra mi cabeza y luego el cañón de la pistola. No, no bromea.

Una chica llora unos metros a mi derecha. Supongo que no ha soportado

sentir la pistola en la sien. Se escucha una bofetada.

—A ver, reina. Aquí no me llora nadie, ¿me oyó? ¿O ya está apurada por irse a saludar a diosito?

Luego, el gordo de la pistola se aleja un poco. Ha ido a hablar por teléfono. Dice un número: *seis, seis malparidos*. Dice también *muy buena selección, buenísima, la mejor en meses*. Recomienda no perdérsela. Hace una llamada tras otra. Se olvida, por un rato, de nosotros.

A mi lado escucho una tos ahogada por la tela, una tos de hombre.

—He escuchado de esto —dice él, muy bajito—. Pensé que era mentira, leyenda. Se llaman subastas. Los taxistas eligen pasajeros que creen que pueden servir para que den buena plata por ellos y para eso los secuestran. Luego los compradores vienen y pujan por sus preferidos o preferidas. Se los llevan. Se quedan con sus cosas, los obligan a robar, a abrirles sus casas, a darles sus números de tarjeta de crédito. Y a las mujeres. A las mujeres.

—¿Qué? —le digo.

Escucha que soy mujer. Se queda callado.

Lo primero que pensé cuando me subí al taxi esa noche fue *por fin*. Apoyé mi cabeza en el asiento y cerré los ojos. Había bebido unas cuantas copas y estaba tristísima. En el bar estaba el hombre por el que tenía que fingir amistad. A él y a su mujer. Siempre finjo, soy buena fingiendo. Pero cuando me subí al taxi exhalé y me dije *qué alivio: voy a casa, a llorar a gritos*. Creo que me quedé dormida un momento y, de repente, al abrir los ojos, estaba en una ciudad desconocida. Un polígono. Vacío. Oscuridad. La alerta que hace hervir el cerebro: se te acaba de joder la vida.

El taxista sacó una pistola, me miró a los ojos, dijo con una amabilidad ridícula:

—Llegamos, señorita.

Lo que siguió fue rápido. Alguien abrió la puerta antes de que yo pudiera poner el seguro, me echó el trapo sobre la cabeza, me ató las manos y me metió en

esa especie de garaje con olor a gallera podrida y me obligó a arrodillarme en una esquina.

Se escuchan conversaciones. El gordo y alguien más y luego otro y otro. Llega gente. Se escuchan risas y destapar cervezas. Empieza a oler a maría y alguna otra de esas mierdas con olor picante. El hombre que está a mi lado hace rato que ya no me dice que esté tranquila. Se lo debe estar diciendo a sí mismo.

Mencionó antes que tenía un bebé de ocho meses y un niño de tres. Estará pensando en ellos. Y en estos tipos drogados entrando en la urbanización privada en la que vive. Sí, está pensando en eso. En él saludando al guardia de seguridad como todas las noches desde que su carro está en el taller, mientras esas bestias van atrás, agachados. Él los va a meter en su casa donde está su hermosa mujer, su bebé de ocho meses y su niño de tres. Él los va a meter a su casa.

Y no hay nada que pueda hacer al respecto.

Más allá, a la derecha, se escuchan murmullos, una chica que llora, no sé si la misma que ha llorado antes. El gordo dispara y todos nos tiramos al suelo como podemos. No nos ha disparado, ha disparado. Da igual, el terror nos ha cortado en dos mitades. Se escucha la risa del gordo y sus compañeros. Se acercan, nos mueven al centro de la sala.

—Bueno, señores, señoras, queda abierta la subasta de esta noche. Bien bonitos, bien portaditos, se me van a poner aquí. Más acá, mi reina. Eeso. Sin miedo, mami, que no muerdo. Así me gusta. Para que estos caballeros elijan a cuál de ustedes se van a llevar. Las reglas, caballeros, las de siempre: más plata se lleva la mejor prenda. Las armas me las dejan por aquí mientras dure la subasta, yo se las guardo. Gracias. Encantado, como siempre, de recibirlos.

El gordo nos va presentando como si dirigiera el programa de televisión más repugnante del mundo. No podemos verlos, pero sabemos que hay ladrones mirándonos, eligiéndonos. Y violadores. Seguro que hay violadores. Y asesinos. Tal vez hay asesinos. O algo peor.

—Daaaaaaaamas y caballeeeeeeros.

Al gordo no le gustan los que lloriquean ni los que dicen que tienen niños ni los que gritan a la desesperada *no sabes con quién te estás metiendo*. No. Menos le gustan los que amenazan con que se va a pudrir en la cárcel. Todos esos, mujeres y hombres, ya han recibido puñetazos en la barriga. He escuchado gente caer al suelo sin aire. Yo me concentro en los gallos. Tal vez no hay ninguno. Pero yo los escucho. Dentro de mí. Gallos y hombres. *Ya, no seas tan mujercita, son galleros, carajo*.

—Este señor, ¿cómo se llama nuestro primer participante? ¿Cómo? Hable fuerte, amigo. Ricardooooooo, bienvenidoooooo, lleva un reloj de marca y unos zapatos Adidas de los bueeeenos. Ricardooooo ha de tener plaaaaaaaataaaaaaa. A ver la cartera de Ricardo. Tarjetas de crédito, ohhhhhh Visa Goooooold de Messi.

El gordo hace chistes malos.

Empiezan a pujar por Ricardo. Uno ofrece trescientos, otro ochocientos. El gordo añade que Ricardo vive en una urbanización privada en las afueras de la ciudad: Vistas del Río.

—Allá donde no podemos ni asomarnos los pobres. Allá vive el amigo Riqui. Sí le puedo decir Riqui, ¿no? Como Riqui Ricón.

Una voz aterradora dice cinco mil. La voz aterradora se lleva a Ricardo. Los otros aplauden.

—¡Adjudicado al caballero de bigote por cinco mil!

A Nancy, una chica que habla con un hilito de voz, el gordo la toca. Lo sé porque dice *miren qué tetas, qué ricas, qué paraditas, qué pezoncitos* y se sorbe la baba y esas cosas no se dicen sin tocar y, además, qué le impide tocar, quién. Nancy suena joven. Veintipocos. Podría ser enfermera o educadora. A Nancy el gordo la desnuda. Escuchamos que abre su cinturón y que abre los botones y que le arranca la ropa interior, aunque ella dice *por favor* tantas veces y con tanto miedo que todos mojamos nuestros trapos inmundos con las lágrimas. Miren este culito. Ay, qué cosita. El gordo sorbe a Nancy, el ano de Nancy. Se escuchan lengüeteos. Los hombres azuzan, rugen, aplauden. Luego el embestir de carne contra carne. Y los aullidos. Los aullidos.

—Caballeros, esto no es por vicio. Es control de calidad. Le doy un diez. Ahí la limpian bien bonito y una delicia nuestra amiga Nancy.

Debe ser hermosa porque ofrecen, de inmediato, dos mil, tres, tres quinientos. Venden a Nancy en tres quinientos. El sexo es más barato que la plata.

—Y el afortunado que se lleva este culito rico es el caballero del anillo de oro y el crucifijo.

Nos van vendiendo uno a uno. Al chico que estaba a mi lado, al del bebé de ocho meses y el niño de tres, el gordo ha logrado sacarle toda la información posible y ahora es un pez gordísimo para la subasta: plata en diferentes cuentas, alto ejecutivo, hijo de un empresario, obras de arte, hijos, mujer. El tipo es la lotería. Seguramente lo secuestrarán y pedirán un rescate. La puja empieza en cinco mil. Sube hasta diez, quince mil. Se para en veinte. Alguien con quien nadie se quiere meter ha ofrecido los veinte. Una voz nueva. Ha venido sólo para esto. No estaba para perder tiempo en pendejadas.

El gordo no hace ningún comentario.

Cuando me toca a mí, pienso en los gallos. Cierro los ojos y abro mis esfínteres. Es lo más importante que haré en mi vida, así que lo haré bien. Me baño las piernas, los pies, el suelo. Estoy en el centro de una sala, rodeada por delincuentes, exhibida ante ellos como una res y como una res vacío mi vientre. Como puedo, froto una pierna contra la otra, adopto la posición de un muñeca destripada. Grito como una loca. Agito la cabeza, mascullo obscenidades, palabras inventadas, las cosas que les decía a los gallos del cielo con maíz y gusanos infinitos. Sé que el gordo está a punto de dispararme.

En cambio, me revienta la boca de un manazo, me parto la lengua de un mordisco. La sangre empieza a caer por mi pecho, a bajar por mi estómago, a mezclarse con la mierda y la orina. Empiezo a reír, enajenada, a reír, a reír, a reír.

El gordo no sabe qué hacer.

—¿Cuánto dan por este monstruo?

Nadie quiere dar nada.

El gordo ofrece mi reloj, mi teléfono, mi cartera. Todo es barato, chino. Me coge las tetas para ver si la cosa se anima y chillo.

—¿Quince, veinte?

Pero nada, nadie.

Me tiran a un patio. Me bañan con una manguera de lavar carros y luego, mojada, me suben a un carro que me deja, descalza, aturdida, en la Vía Perimetral.

AMPUERO, María Fernanda. **Pelea de Gallos**. Páginas de Espuma, 2018.

ANEXO III

BESTIAS (Cuento de Arelis Uribe)

Me bajo de la micro en el paradero veinte. Vengo mareada porque estuve tomando con mis compañeras de la U. Es tan tarde, que los locales de la avenida ya tienen las cortinas cerradas y el aire está cubierto por esa neblina espesa que huele a humo añejo, a camanchaca sucia. No anda nadie y eso me asusta. Me dan más miedo los paisajes vacíos que los repletos de gente, no sé por qué. Mi única arma de defensa es arrugar la frente, caminar rápido y esperar que no pase nada malo de aquí a mi casa.

Camino la primera cuadra y escucho que alguien me sigue. Se me aprieta la guata. Puedo adivinar que es una banda de flaites con cuchillas de doble filo o el viejo del saco masturbándose con los pantalones abajo. Me doy vuelta y lo que encuentro es un quiltro. Chico, negro y moviendo la cola.

Es ese típico perro que aparece en la ruta, esos perros que vienen y van, que a una le tocan por azar, como las monedas o los billetes, y que son imposibles de reconocer en un reencuentro. Perro dueño, escuché una vez que se llaman. Me agacho para hacerle cariño y él me muestra la guata. Entonces descubro que le cuelgan las tetas de recién parida. Es de madrugada y anda sola, pienso. Imagino que sale de noche a buscar algo que darle de comer a sus cachorros durante el día. La invito a que me siga y ella se suma. Ahora somos dos trasnochadoras haciendo soberanía por las calles de Gran Avenida.

Caminamos y escucho el tintín de sus patitas detrás de mí y veo cómo su sombra crece y alcanza la mía, en un juego de luces negras y anaranjadas que producen los postes sobre la vereda. Se parece a la Cholita, pienso, la única perra que cumplió su rol de mascota feliz. La Cholita fue una quiltra negra que mi abuela adoptó cuando yo era chica y vivíamos en La Florida. Se supone que era mía y de mi hermano, pero en realidad la perra le respondía a mi abuela. Se acostaba con ella en su cama y se paraba a mirar por la ventana a las diez de la noche, cuando mi abuela estaba por volver del trabajo.

Una tarde se perdió. No sabemos cómo aprendió a salir a la calle, pero ese día, quizá por la calentura del celo, se arrancó. Mi abuela se estaba tiñendo el pelo y salió con una bolsa plástica en la cabeza a preguntar por todo el pasaje si alguien había visto a la Cholita. Nadie, nada. Me acuerdo que lloré, pero no de pena. No había alcanzado a encariñarme tanto con la perra. Lloré porque sabía que había perdido algo mío y a los doce años ya tenía esa noción de propiedad.

Lo que más me dolió de perder a la Cholita es que todos los niños y niñas del pasaje tenían su peluche vivo en el patio delantero. Yo no tenía nada. Una noche decidí corregir ese vacío. Agarré mi cuerda de saltar y mi mochila de campamento y me fui a recorrer otras poblaciones, donde no conociera a nadie con quien sentirme culpable. Encontré perros bravos que en cuanto me acerqué a la reja me tiraron los dientes y encontré casas en las que no se veía nada para adentro porque lo tapaba todo una masa enorme de ligustrinas amarillas. Hasta que en una casa vi a un poodle blanco. Me acerqué y me tendió la cabeza para que le hiciera cariño. Abrí la reja de la casa con cuidado. Estaba sin llave. Las luces apagadas. Entré y le amarré la cuerda al cuello. El poodle se resistió un poco, pero era sumiso y no me costó echarlo a la mochila. Cerré la reja y me fui corriendo con el perro aullando en mi espalda.

Llegué a mi casa y lo amarré a un árbol de limón que estaba al fondo del patio. Fui a la cocina y eché un poco de carbonada en una olla vieja y se lo llevé. El poodle no comió, estaba echado y aullaba. Me arrodillé frente a él y le dije: ahora eres mío. Traté de abrazarlo y se escurrió. Se puso a correr hacia la reja. La cuerda le tiraba del cuello como un látigo y el perro chillaba fuerte y agudo. En ese momento apareció mi abuela. Me retó, dijo que yo estaba haciendo lo mismo que alguien me había hecho a mí al llevarse a la Cholita. Le encontré razón, pero no lo dije.

Mi abuela soltó al poodle y el perro se fue corriendo. Durante mucho tiempo la odié por eso.

Nunca más tuve un perro, salvo los perros dueño que te siguen en la calle. Como ahora, que me acompaña un clon de la Cholita a la que le cuelgan las tetas con leche.

Caminamos. Todos los viernes en la noche hago esta ruta, pero no había visto esta perra. Me cae bien. Empiezo a gruñirle y a saltar de un lado a otro, como una bestia, y ella me gruñe de vuelta y salta y mueve la cola porque quizá hace cuánto tiempo nadie en la calle le hace alguna gracia. Le acaricio la cabeza y de nuevo me muestra la guata. Y aunque es de noche, veo cómo le caminan las pulgas entre sus tetas rosadas.

Ya estamos a mitad de camino. Con la caminata, el mareo se me pasa y de a poco el vino en caja con Kem Piña empieza a perder su efecto. Pienso que voy a aguacharme a la perra y le voy a dar vienesas y pan remojado en leche cuando lleguemos a mi casa.

Entonces pasa algo horrible.

Vamos llegando al ciber del Gustavo y aparece un pastor alemán (o una mezcla de él) y se le tira encima a la madre perra. Al cuello, como si la perra fuera una antílope y el quiltro alemán un jaguar. Y yo grito, SUÉLTALA PERRO DE MIERDA, ALEMÁN DE MIERDA, NAZI DE MIERDA. El pastor se la trata de montar y también le muerde el lomo y la perra chilla y hace mucho que no siento tanto miedo y me pongo a llorar. Agarro una piedra grande de la vereda y se la tiro. El alemán se me lanza encima y me agarra el pantalón y siento sus dientes pero más siento cómo me miran los ojos de la perra herida. Levanto la pierna derecha y no sé cómo le pateo la cabeza y el perro retrocede y entonces corro, corro, corro. Corro como en todas las escenas clichés de las películas donde alguien corre por vivir.

Llego a la esquina de San Francisco con El Parrón. Respiro apenas y me duele una punzada en el costado. Me doy vuelta y veo al perro sobre la perra. Miro hacia adelante y veo la plaza semi vacía y veo mi casa y pienso en la luz encendida de la pieza de mi abuela y el traca traca incansable de su máquina de coser. Pienso, ayudo a la quiltra o no. Aprieto la guata y vendo a la perra como toda la gente vende y transa a los perros callejeros. Porque son paisaje, igual que los vagos o las palomas, que nadie mira cuando duermen en la calle y nadie echa de menos cuando los autos las aplastan.

Entro a mi casa y escucho a mi abuela que grita mi nombre. No respondo. Me encierro en el baño y me saco el pantalón. Me baja la sangre desde el muslo hacia el pie. No es mucha, pero es sangre. Me limpio con confort y saco un gotero de yodo del botiquín y me echo encima de la herida. Es chica, pero profunda y pienso que si le cuento a mi abuela me van a vacunar y prefiero no decir nada, porque ya tuve suficiente con los colmillos del perro alemán.

Me meto a la ducha y luego me acuesto a dormir con el pelo mojado. Sueño con esos monos animados en los que aparecía un perro que era tan feo que usaba una casucha en la cabeza y en mi sueño el perro feo y gigante se quita su casamáscara y su cabeza es la del perro alemán y abre la boca como un cocodrilo y me persigue a mí porque soy Judas y yo corro y estoy vestida con una túnica y con las sandalias que usan los apóstoles en Jesús de Nazaret.

Al otro día despierto temprano. No tengo caña, pero igual me duele adentro. Salgo de mi casa y mi abuela me pregunta adónde voy. Yo no le digo. Camino hasta la esquina donde abandoné a la madre perra y obviamente ya no está. En el suelo de cemento hay manchas de sangre y tierra. Las toco y me llevo los dedos a la boca y siento el sabor a fierro de la sangre viva. Me toco la herida y ese ardor también me confirma que lo de anoche fue real. Me levanto para volver a mi casa y entonces la veo. Las tetas colgando y cuatro perritos chicos igual de negros que ella se le refugian detrás. Camino y le aviso con los ojos que la voy a buscar. Y ella se queda muy tranquila en la vereda, sin ningún cordel que la amarre a esperarme ahí.

URIBE, Arelis. **Quiltras**. Paraíso Perdido Editorial, 2020.